

HILDA HILST, A ESTRELA DE ALDEBARÃ DA LITERATURA BRASILEIRA

LUCIANA D'ÁVILA DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE-FURG
lucianaavila.furg@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. Poesia. Hilda Hilst. Carlos Drummond de Andrade.

O presente trabalho pretende fazer uma análise do poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) dedicado à Hilda Hilst (1930-2004), em que o autor faz uma homenagem a poeta paulistana. Na construção de Drummond -sem título- percebemos vestígios biográficos da vida de Hilst. Visto que, o poeta relembra acontecimentos que envolveram a imagem enigmática da autora; que encantou a muitos literatos, tanto por sua beleza quanto por sua genialidade literária. A autora traçou um caminho literário diversificado, em busca desse reconhecimento, começou com produções intimistas, na poesia; abordando polêmicas, no romance; discutindo questões políticas, no teatro. Porém, dentre o desprestígio de alguns, surgiu à admiração do famoso escritor, Drummond compara Hilda com a estrela de Aldebarã, que segundo a Astrologia, é o corpo celeste alfa da constelação de Touro. Sendo assim, Hilda entre as muitas estrelas -metáfora para escritoras- possui um grau mais elevado nas letras brasileiras. Como fundamentação teórica para análise, utilizou-se a noção de biografema de Roland Barthes, que diz: “(...) gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’.” (BARTHES, 1980, p. 51). Desse modo, o biografema pode ser entendido como um fragmento que ilumina detalhes sobre os seres, e estão carregados de um “infra-saber”. Para a análise do poema, retomou-se ainda biografemas presentes nas obras da autora homenageada, além de entrevistas que a mesma concedeu a diversos meios de comunicação, visando assim contribuir para a interpretação da construção poética de Drummond. O objetivo do trabalho é compreender a relação direta entre os autores e as obras literárias, em que os mesmos tornam-se o sujeito poético. Além de Barthes (1980) e Maingueneau (2001), foram utilizados como aporte teórico os estudos de Antonio Candido (2011), Cristiano Diniz (2013), Alcir Pécora (2010).